



## Sentidos do patrimônio nos caminhos da Via Sacra em São João Del Rei

Lia Sipaúba Proença Brusadin<sup>1</sup>

Vanessa Taveira de Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** A Via Sacra se refere ao trajeto de Jesus carregando sua cruz durante a Paixão. Em Minas Gerais, a difusão do culto à Paixão se perpetuou pelas associações laicas gerando um patrimônio amplo e diversificado. Os ritos Quaresmais e da Semana Santa aconteciam nas igrejas ou em capelas ao longo do espaço urbano. Este artigo tem como objetivo analisar os sentidos do patrimônio no percurso que vai ou leva a Via Sacra ao fiel. Desse modo, investigou-se a procissão do Enterro da ordem terceira do Carmo e as capelas da irmandade do Senhor dos Passos em São João Del Rei (MG). A metodologia aplicada foi a pesquisa documental, iconográfica e análise técnica do patrimônio associada ao registro fotográfico *in loco*. Portanto, tais práticas, internas ou externas, ajudavam aos leigos no caminho da salvação das suas almas.

**Palavras-chave:** Via Sacra; Patrimônio; Leigos; Procissão; São João Del Rei (MG).

## The Senses of Heritage through the Paths of the Way of the Cross in São João Del Rei

**Abstract:** The Way of the Cross refers to the path of Jesus carrying his cross during Passion. In Minas Gerais, the spread of the cult of Passion was perpetuated by the secular associations generating a broad and diversified heritage. The Lent and Holy Week rites were done in churches or chapels along the urban space. This article aims to analyze the senses of heritage by the route that goes or leads the Via Sacra to the faithful. Thus, we investigated the procession of the Burial of the third order of Carmen and the chapels of the brotherhood of the Lord of the Paths in São João Del Rei (MG). The methodology applied was documentary, iconographic research and technical analysis of the heritage associated with photographic record *in situ*. Therefore, those practices, whether inner or external, helped the laic on the way to the salvation of their souls.

**Key-words:** Way of the Cross; Heritage; Laic; Procession; São João Del Rei (MG).

### Introdução

A religião cristã na região das Minas Gerais foi fundamentada na piedade e martírio a exemplo a da figura de Jesus Cristo, o que gerou um patrimônio vasto e diversificado, com obras bem elaboradas e outras ao gosto popular. Essa devoção foi pautada na sensibilidade católica barroca cujas raízes são medievais. Dessa maneira, as práticas religiosas tinham uma tradição de cultuar o drama da Paixão e, nas Gerais, houve um incentivo das representações dos sofrimentos de Cristo: “residia nos altares dos templos; capelas de passos; cruzeiros rurais e citadinos; era um atributo indispensável à morte cristã. A bela, à vera, a sacratíssima cruz e o filho de Deus” (CAMPOS, 1993, p. 209).

1 Bacharelado e Licenciatura em História pela Universidade Estadual Paulista. Doutora em Artes na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2019. Professora dos Cursos de Pós-Graduação em Conservação e Restauração de Escultura Policromada Devocional e de Perícia e Avaliação de Obras de Arte da Universidade Santa Úrsula (USU).

2 Doutoranda em Arquitetura UFMG (2019). Professora do IEC PUCMINAS na Pós Graduação em Conservação Preventiva de Bens Culturais Eclesiásticos.

A devoção a rememoração da Paixão era um hábito piedoso cotidiano, tal qual assinalado pela Carta Pastoral do Visitador Domingos Joze dos Santos, cônego penitenciário na Sé de Mariana, aos 22 de novembro de 1764, a respeito do uso das Cruzes de Via Sacra na qualidade de exercício espiritual e forma de lucrar indulgências:

Recommendo m<sup>to</sup> ao R<sup>do</sup> Parr<sup>co</sup> e capellaens fação colocar dentro da sua Igreja, e Capellas filiaes Por algum religizo Franciscano as Cruzes da Via Sacra admoestando aos Seos frequezes a aplicados que pratiquem este exercicio dentro das Igrejas, onde com menos paSsoz do que as de fora // 130 //. As de fora dellas e só com a meditação nos dolorozissimos tormentos da Pay//xão de NoSso amabiliSsimio redentor e Senhor JESUS Christo se lucram // as mesmas Indulgencias que na outra Via sacra mais extença as quaes sepo//dem aplicar pellas bemditas almas do Purgatorio, sendo este hum dos mais Uteis aS//sim para os Vivos como para os defuntos.

Em Minas Gerais a difusão do culto à Paixão ocorreu primeiramente pelas irmandades do Santíssimo Sacramento através da implementação das matrizes no início do século XVIII. Posteriormente, a Via Sacra foi difundida mediante ao surgimento das irmandades do Senhor dos Passos e depois em meados daquele século, com as ordens terceiras carmelitas e franciscanas. Era uma tradição Ibérica do pós-Trento que proporcionou à região a realização de ritos religiosos vocacionados à Paixão (CAMPOS, 2005).

Além da importação de modelos culturais europeus promovidos pelo Concílio de Trento<sup>3</sup> para a ornamentação e liturgia das igrejas, também houve no Império Português a difusão do texto bíblico por meio de figuras processionais. As procissões católicas eram – e o são – a afirmação no visível de aspectos devocionais e a manifestação pública da religião cristã. Esse tempo da consolidação processional se caracterizou por ações de louvor, de súplicas, penitência ou agradecimento dirigidos a Deus, diretamente por meio de Jesus Cristo, ou indiretamente pela Virgem Maria ou Santos. Moralizar as procissões foi um dos grandes empenhos Tridentinos: “Tratava-se de Cristianizar o exterior, de conseguir a devoção pela compostura do gesto, pelo silêncio, pela decência no vestir e no falar, na seriedade do porte, longe de riscos e movimentos lascivos” (AZEVEDO, 2000, p. 68).

As festas religiosas faziam parte do cotidiano das pessoas, sendo as procissões da Quaresma e Pascoais dentre os eventos mais importantes. Esse tipo de festividade era um caminho, um roteiro imagético, de penitência e absolvição. Os estudos ligados às irmandades de leigos e suas cerimônias religiosas no Brasil vêm se desenvolvendo cada vez mais em uma diversidade de temas e abordagens. Dessa maneira, este artigo tem como objetivo analisar os sentidos do patrimônio pelos caminhos da Via Sacra, ou seja, o percurso que vai ou leva as representações artísticas dos Passos da Paixão ao fiel, comparando as igrejas que possuem no interior dos seus templos esse tipo de acervo e o trajeto feito pelo fiel que peregrina até as capelas dos Passos.

Os Passos representam a Via Sacra ou Via Crúcis, os quais geralmente eram sete ou múltiplos de sete, tinham ao mesmo tempo o sentido do deslocamento de Cristo e também das sucessões das etapas do Calvário (OLIVEIRA, 2008). Estes eram o percurso em que Cristo carrega sua cruz desde o Pretório, onde é sentenciado à crucificação, até o Gólgota ou Calvário, local do seu falecimento. Com isso, o fiel ao observar as representações dos Passos da Paixão de Cristo refazia esse percurso mentalmente como se estivesse em Jerusalém, enfatizando no seu imaginário o suplício do Senhor. Tal exercício de rememoração se divide na Via Sacra interna, dentro da igreja e na externa, pelas ruas (PIEDOSAS, 1983).

3 O Concílio de Trento aconteceu entre os anos de 1545 a 1563 e teve como objetivo o combate às heresias para a manutenção da unidade cristã. Os preceitos de Trento permitiram a reafirmação e a redefinição de pontos basilares da doutrina, além da composição de um programa de reforma interna da Igreja centrado no papado, episcopado e clero.

Nesse sentido, investigou-se as imagens da Paixão e o cortejo do Enterro feito pelos irmãos terceiros carmelitas comparando aquela forma de Via Sacra com a das capelas do Senhor dos Passos, da irmandade de mesmo nome, por onde passavam as procissões da Quaresma<sup>4</sup> e Semana Santa<sup>5</sup> em São João Del Rei (MG). O trajeto aqui percorrido foi analisar as esculturas nos retábulos da igreja e as cenas pictóricas das capelas dos Passos, pelos seus aspectos históricos, iconográficos, suas funções no culto e em relação às suas técnicas e materiais mediante uma pesquisa *in loco* alicerçada a um viés teórico-prático. Com isso, foi possível estabelecer a existência de um programa iconográfico comum, os tipos de devoções e ornamentações, a mudança de gosto e hábitos, e a forma de organização das festividades.

### A Paixão de Cristo no interior do templo dos terceiros carmelitas

No ano de 1727, já existia em São João Del Rei a irmandade de Nossa Senhora do Carmo agregada à matriz de Nossa Senhora do Pilar. A elevação da irmandade à qualidade de ordem terceira constava em seu Estatuto, aprovado no ano de 1740, ficando subordinada ao Padre Provincial do Convento do Carmo do Rio de Janeiro. Em 1732 foi formalizado o início das obras da igreja e com o rápido crescimento da ordem no ano de 1750, houve a necessidade de ampliar o edifício (VIEGAS, 1988). A igreja do Carmo chegou ao século XIX somente com parte da talha completa da capela-mor, arco-cruzeiro e púlpitos. A obra foi concluída no início do século XX.

O templo dos terceiros carmelitas de São João Del Rei possui apenas uma escultura da Paixão primitiva: o Cristo Flagelado (IBMI/IPHAN, 1994). O Cristo é uma escultura em madeira policromada<sup>6</sup>, de tamanho natural, possui olhos de vidro e cabeleira. À esquerda da escultura fica a coluna, em que Jesus foi amarrado para ser açoitado. A base da obra apresenta orifício para ser fixada ao andor, ou seja, essa escultura é ao mesmo tempo retabular e processional. Em tempo recente, os terceiros resolveram completar a série dos sete Passos da Paixão – com as esculturas de Cristo no Horto, Prisão, Flagelação, Coroado de Espinhos, *Ecce Homo*, Senhor dos Passos e Crucificado – e colocá-las em seus retábulos laterais (FIG 1), encomendando as imagens ao escultor nativo Osni Paiva (OLIVEIRA; SANTOS, 2010).

---

4 A época Quaresmal pode ser vista como um microcosmo da própria vida, é o tempo de retomar uma caminhada que conduza a Deus. A Quaresma não corresponde somente ao tempo que Jesus passou no deserto, mas também ao tempo que os judeus passaram caminhando rumo à terra prometida. Esse período pode ser compreendido como um resumo da história da salvação (RYAN, 1991).

5 A Semana Santa é a mais respeitada pelos cristãos. A Igreja ao celebrar a Paixão, a Morte e a Ressurreição de Cristo, santifica e renova a si mesma. Antigamente era conhecida como “a grande semana”, dado que constitui o cerne do ano litúrgico, celebra o mistério e a redenção. Os lugares de peregrinação relativos a Paixão em Jerusalém são: Getsêmani, Pretório, Gólgota e o Santo Sepulcro (RYAN, 1991).

6 Entende-se por policromia a camada ou camadas realizadas com distintas técnicas que cobrem total ou parcialmente a escultura proporcionando-a um acabamento decorativo, o que a faz ser indissociável da concepção e da imagem do todo da obra.

**Figura 1** – Planta baixa com o mapeamento do retábulo-mor e retábulos da nave Igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo de São João Del Rei (MG).



**Elaboração:** Lia Brusadin 17/04/2017.

É interessante observar que os retábulos laterais dessa igreja são decorados com elementos da Paixão de Cristo. Destacando-se a tarja ou cartela – elemento que ocupa o alto do retábulo, é emoldurada como se fosse um escudo ou brasão e composta por um símbolo ou alguma inscrição –, e o sacrário – uma espécie de vão com porta no centro do altar, onde se guardam as hóstias. Tais ornamentações da Paixão mostram uma devoção à Via Sacra representando os atributos dos martírios que Jesus sofreu a caminho da sua crucificação. São símbolos que complementam e auxiliam o fiel a identificar a cena representada, uma forma alegórica de representação que traça os passos para alcançar a salvação divina.

No lado da Epístola, o primeiro retábulo é o consagrado ao Cristo no Horto (FIG 2), de acordo com a sequência dos Passos da Paixão é o momento que Jesus vai ao Monte das Oliveiras aparecendo-lhe o anjo da Amargura que ostenta um cálice, o qual simboliza a Paixão e morte de Cristo na cruz. Na tarja é então representada a figura do anjo com cálice e uma hóstia e no sacrário também há um cálice sob nuvens com hóstia. O retábulo seguinte é do Cristo Preso (FIG 3) que tem na sua tarja o relevo das tochas, da corda e dos instrumentos de martírio simbolizando a prisão de Jesus, no sacrário tem um cordeiro (Jesus) sob o livro de sete selos, conceito da escatologia cristã do Livro do Apocalipse ou fim dos tempos. Já o retábulo do referido Cristo Flagelado (FIG 4), na tarja foram representados uma coluna e dois objetos de açoite e, no sacrário, há uma representação do calvário, com uma cobra enquanto símbolo do pecado original consumido na cruz.

**Figura 2** – Retábulo do Cristo no Horto, talha em madeira pintada e dourada, 362 X 246 cm Igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo de São João Del Rei (MG).



Foto: Lia Sipaúba Proença Brusadin 02/01/2017.

**Figura 3** – Retábulo do Cristo Preso, talha em madeira pintada e dourada, 388 X 199 cm Igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo de São João Del Rei (MG).



Foto: Lia Sipaúba Proença Brusadin 02/01/2017.

**Figura 4** – Retábulo do Cristo Flagelado, talha em madeira pintada e dourada, 365 X 196 cm Igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo de São João Del Rei (MG).



Foto: Lia Sipaúba Proença Brusadin 02/01/2017.

Do outro lado, sentido do Evangelho, segue o retábulo com a imagem do Cristo Coroado de Espinhos (FIG 5), cuja tarja está desenhada uma coroa de espinhos e no sacrário o Sagrado Coração de Jesus<sup>7</sup>. O próximo retábulo quebra a sequência dos Passos (que seriam o do *Ecce Homo* e o do Cristo com Cruz às Costas) figurando a cena derradeira, a do Calvário (FIG 6), com o Cristo Crucificado – Senhor do Bonfim –, Nossa Senhora das Dores, São João Evangelista e Madalena. A tarja tem como representação a coroa de espinhos e no sacrário está o símbolo do Vaticano, ou a bandeira Papal, com as chaves de Pedro para abertura das portas do céu.

O último retábulo é dedicado à Nossa Senhora das Dores (FIG 7), a escultura segura a coroa de espinhos e atrás dela fica a cruz da crucificação. No frontal do altar, a imagem do Senhor Morto. Na tarja é representado os instrumentos da Paixão: o martelo e a tenaz usados para pregar Cristo a Cruz, bem como seu manto e no sacrário o relevo do véu/manto de Verônica (Livro apócrifo “Atos de Pilatos”, capítulo 7º), usado para enxugar o rosto de Jesus, junto aos três cravos e as lanças dos soldados.

<sup>7</sup> O Sagrado Coração de Jesus é uma invocação da segunda metade do século XIX. Deve ter sido acrescentado ao retábulo da ordem terceira do Carmo de São João Del Rei nessa época, já que grande parte da talha interna da igreja só ficou pronta no fim do século XIX e início do século XX.

**Figura 5** – Retábulo do Cristo Coroado de Espinhos, talha em madeira pintada e dourada, 380 X 189 cm Igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo de São João Del Rei (MG).



Foto: Lia Sipaúba Proença Brusadin 02/01/2017.

**Figura 6** – Retábulo do Calvário, talha em madeira pintada e dourada, 365 X 194 cm Igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo de São João Del Rei (MG).



Foto: Lia Sipaúba Proença Brusadin 02/01/2017.

**Figura 7** – Retábulo da Nossa Senhora das Dores, talha em madeira pintada e dourada, 365 X 248 cm Igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo de São João Del Rei (MG).



**Foto:** Lia Sipaúba Proença Brusadin 02/01/2017.

Na Capitania de Minas as ordens terceiras se instituíram independentes dos conventos, o que tornou os leigos os grandes impulsionadores das festas religiosas. Durante a Semana Santa, os terceiros carmelitas são-joanenses realizavam a procissão do Enterro. Conforme as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*<sup>8</sup> de 1707, cabia a ordem do Carmo realizar sua procissão na Sexta-feira Santa: “E os Religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo em Sexta Feira da Paixão” (Título XIV, § 491). Nela, além do esquife do Senhor Morto eram igualmente levados em andores os sete Passos da Paixão de Cristo e a imagem de Nossa Senhora das Dores.

Os Estatutos das ordens terceiras referem-se à diretrizes de conduta da vida dos irmãos, sendo divididos em vários capítulos, cada qual dedicado a um tema específico referente às normas daquela associação. Os de São João Del Rei são uma cópia dos aprovados em 1697 para a ordem terceira do Carmo do Rio de Janeiro. A ordem tinha a tradição de devoção aos Passos, em memória à Paixão de Cristo, nas Sextas-feiras da Quaresma, exercício praticado pelos irmãos, conforme seus estatutos aprovados em 1740; era uma atitude exemplar, piedosa e edificante:

8 As *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* foram publicadas em 1707, cuja teologia moral teve grande vigor durante todo o século XVIII e promulgadas pelo arcebispo da época, Dom Sebastião Monteiro da Vide, seguiram os preceitos de Trento e serviram de orientação pedagógica e religiosa para toda sociedade do Império Português.



Tendo nós visto com grande alegria do nosso coração a grande devoção, e piedade com que a nossa Venerável Ordem 3ª faz neste nosso Convento nas tardes das Sextas-feiras da Quaresma a memória dos Passos da Sagrada Paixão de Christo Sr. Nosso, e desejando que este santo e louvável exercício se continue sempre com o mesmo zelo, achamos muito conveniente que os preladados que são e forem pelo tempo em diante deste nosso convento concorram de sua parte para o luzimento de tão piedosos actos com toda ajuda, e favor que com o Senhor puderem principalmente em lhe não faltarem a observância dos estilos até aqui praticados pelo que será obrigado o Prior que é ou for pelo tempo adiante dar-lhes aqueles pregadores em quem elles fizerem escolha, e se para este efeito for necessário (o que não esperamos fundidos na experiência que temos da religião e zelo dos nossos súbditos) obriga-los a que façam os ditos sermões o fará afim de se não desgostarem os nossos Irmãos 3<sup>os</sup> e juntamente pelo credito da Religião, nas ditas 6<sup>as</sup> feiras em que concorre a maior parte desta cidade e adquire com um bom pregador porque assim lhe mandamos em virtude da santa obediência.

Compunham o cortejo as seguintes imagens: “1º andor de Chirsto no Horto, e o seu mestre lhes irá presidindo no meio diante do dito andor, o qual será obrigado a governar, e juntamente compor os seus Noviços”. E, sendo subsequente: “A este 1º andor se irão seguindo os mais por sua ordem até ao andor do passo de Christo crucificado” (ESTATUTOS, 1697-1810). Configurando, desse modo, a sequência dos sete Passos da Paixão de Cristo.

Entre os andores eram admitidos apenas irmãos da ordem terceira do Carmo ou da de São Francisco e eram ladeados por figuras e anjos com atributos da Paixão, posto que o último andor deveria ser presidido por um prior jubilado: “O 2º, 3º, 4º, 5º,6º andores os governarão sempre aqueles Irmãos que tem por sua devoção a seu cargo prover os altares, e santuários das sagradas Imagens (...) e levará cada andor diante de si dois anjos que levem as insígnias daquele passo”. Por fim, vinha o esquife do Senhor Morto, embaixo do pátio, seguido da imagem de Nossa Senhora das Dores e da comunidade religiosa juntamente com músicos cantando os “Heus”.

A solenidade era então organizada conforme um corpo social hierarquizado entre os irmãos sendo realizada com toda pompa e ornamentação. Os irmãos deveriam participar, usar o hábito e levar brandões, caso contrário, eram expulsos da ordem. A participação na procissão do Enterro era uma das obrigações entre os associados e caso se ausentassem sem desculpa adequada seriam: “expulsos e não serão mais admitidos em tempo algum” (ESTATUTOS, 1697-1810).

Apesar da documentação citada se referir aos sete Passos da Paixão de Cristo não é possível afirmar se de fato saiam na procissão todas essas imagens, já que a igreja não possui o acervo primitivo completo. O cortejo poderia ter sido adaptado para atender as demandas daquela comunidade: os Passos sendo representados por armações efêmeras ou os terceiros disporem de algumas imagens da matriz para a realização do préstito ou mesmo da irmandade do Senhor dos Passos<sup>9</sup> e, ainda, há a possibilidade de durante a procissão ser feito o trajeto às capelas do Passos, isto é, as construções arquitetônicas inseridas no meio urbano analisadas na sequência.

As festividades da Semana Santa ainda são uma tradição famosa em São João Del Rei, no entanto, a procissão do Enterro da forma que era encenada nos séculos XVIII e XIX foi extinta, em inícios do século XX, tornando-se uma celebração apenas da matriz. A última vez que préstito foi organizado pela ordem terceira do Carmo foi no ano de 1942 (GAIO SOBRINHO, 2001)

---

9 Há um recibo de 1840 em que a ordem terceira do Carmo de São João Del Rei alugava à irmandade dos Passos da mesma cidade, à razão de 10\$400, 50 tochas para sua procissão (LOPES, 1973). Esse dado demonstra os empréstimos e trocas realizados entre as associações de leigos.

## A Paixão de Cristo nas capelas do Senhor dos Passos

A irmandade do Senhor dos Passos são-joanense foi registrada em seu Livro de Compromisso no ano de 1733, provável época de seu surgimento, momento de ascensão das ordens terceiras em Minas Gerais (BOSCHI, 1986). Assim, tal associação difundiu na região o culto da Paixão de Cristo por meio de procissões centralizadas na imagem do Senhor dos Passos, a qual inicialmente parava em Estações demarcadas por cruces ou pequenos oratórios para orações. Em meados do século XVIII e início do século XIX foram construídas as capelas dos Passos no percurso da procissão para marcar e enaltecer essas Vias Sacras durante as peregrinações.

Destaca-se que a irmandade do Senhor dos Passos de São João Del Rei surgiu com o apoio e dentro da matriz de Nossa Senhora do Pilar, tal congregação laica possui até hoje no interior do templo um retábulo lateral (lado da Epístola) decorado com elementos da Paixão de Cristo em sua tarja e sacrário. Esse móvel litúrgico é entronizado pelas esculturas do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores.

A escultura do Senhor dos Passos é uma imagem de vestir, provavelmente do século XVIII (IBMI/IPHAN, 1993). Tal obra é a protagonista da procissão do Senhor dos Passos que acontece durante o período da Quaresma e Semana Santa. Já a escultura de Nossa Senhora das Dores é do início do século XIX, de fatura local. Durante a procissão é coadjuvante ao Senhor dos Passos e ambas são carregadas durante o itinerário às capelas dos Passos. O culto à Paixão de Cristo dessas capelas está diretamente relacionado à devoção de cunho popular de ambas esculturas, as quais possuem uma dupla função no ritual litúrgico, por serem imagens retabulares e processionais.

No ambiente urbano de São João Del Rei se localizam as cinco capelas dos Passos, levando em consideração ao caminho atual da procissão do Senhor dos Passos se ordenam da seguinte forma: I) uma capela na Rua da Prata (antiga Rua Padre José Maria Xavier); II e III) duas na Avenida Getúlio Vargas (antiga Rua Direita), sendo elas as capelas do Passo do Carmo e Passo no Largo do Rosário na Praça Embaixador Gastão da Cunha (antiga Praça Duque de Caxias); IV) uma no Largo da Cruz; e V) uma no Largo das Mercês ou Largo do Pelourinho (FIG 8).

**Figura 8** – Mapa de localização das capelas dos Passos e templos religiosos em São João Del Rei (MG).



**Elaboração:** Vanessa Taveira, 2019.

As capelas dos Passos têm no seu interior retábulos ornamentados e cenas pictóricas semelhantes aos encontrados nas capelas e igrejas dos séculos XVIII e XIX. Contudo, foi constatado haver nas capelas uma predileção por representações de pinturas ao invés de esculturas, estas últimas eram mais comuns aos templos religiosos. Assim, nas capelas dos Passos, as cenas da Via Sacra foram retratadas por pinturas e são encontradas ao centro e lateral de tais edificações.

A partir de uma análise da cenografia religiosa dos cenários centrais, foi verificado na primeira capela dos Passos em São João Del Rei, localizada na Rua da Prata, uma representação que não era comum nas Minas Gerais, geralmente categorizado por Personagens e Cenas Complementares (SCHENONE, 1998). Tal edificação retrata uma paisagem, a cena da “Vista de Jerusalém” denominada no Passo como “Paisagem de Jerusalém” (FIG 9). A representação da cidade de Jerusalém associada à Cristo foi narrada nos Evangelhos de Mateus (27: 45) e Lucas (19: 41-44). No sentido histórico, Jerusalém é a cidade Palestina para onde vão os peregrinos católicos e no alegórico refere-se à Igreja militante, significando ainda, a “alma-cristã” e o anúncio da Jerusalém Celestial, o reino celeste (REVILLA, 1990). A cena nesse Passo é provavelmente de fatura regional e cunho popular, haja vista que foram verificados problemas na concepção de sua perspectiva linear com distorções.

**Figura 9** – Passo da Rua da Prata em São João Del Rei (MG) Cena “Paisagem de Jerusalém”, pintura óleo sobre tela de algodão, 429 X 279 X 206 cm.



**Fonte:** Imagem cedida por David Nascimento, 2017.

A segunda capela dos Passos, situada no Passo do Largo do Rosário, representa a cena bíblica intitulada: “Jesus Cristo abençoa as mulheres de Jerusalém” (FIG 10). Nela Simão de Cirineu aparece carregando a Cruz junto a Cristo enquanto ele abençoa as mulheres que aparecem em sua volta. Essa cena bíblica (Lc 23: 28-29) é escassamente representada durante a Paixão de Cristo. Na terceira capela dos

Passos, a do Carmo, encontra-se a passagem: “Simão Cirineu ajuda a carregar a cruz de Jesus Cristo” (Mt 27: 32) (FIG 11). Neste Passo, a Virgem aparece de pé à esquerda da cena, trajando vestes bíblicas, enxuga as lágrimas com um lenço e do lado direito de Cristo está Simão de Cirineu apoiando a Cruz, ademais de João Evangelista, Maria Madalena e três soldados romanos.

**Figura 10** – Passo do Largo do Rosário em São João Del Rei (MG) Cena “Jesus Cristo abençoa as mulheres de Jerusalém”, pintura óleo sobre tela de algodão, 368 X 188 X 79 cm.



**Fonte:** Imagem cedida por David Nascimento, 2017.

**Figura 11** – Passo do Carmo em São João Del Rei (MG) Cena “Simão Cirineu ajuda a carregar a cruz de Jesus Cristo”, pintura óleo sobre tela de algodão, 364 X 163 X 72 cm.



**Fonte:** Imagem cedida por David Nascimento, 2017.

No Passo do Largo da Cruz fica a quarta capela com a cena baseada nas meditações sobre a Paixão de Cristo, nomeada: “Verônica Enxuga o rosto de Cristo”, caracterizada por uma mulher, Verônica, que enxugou o rosto de Jesus com uma toalha branca, na qual ficou gravado sua face em sangue. No caso deste Passo, Verônica apresenta o pano sem a impressão do rosto de Cristo, e está ladeada por soldados. Na quinta e última capela, a do Passo das Mercês, tem-se uma cena também baseada nas meditações: “Encontro de Jesus e Maria” (FIG 12), cuja mãe de Cristo está de pé ou ajoelhada em frente ao seu filho, imbuída de dor e acompanhada de João e Madalena.

**Figura 12** – Passo das Mercês em São João Del Rei (MG) Cena “Encontro de Jesus e Maria”, pintura óleo sobre tela de algodão, 420 X 185 X 67 cm.



**Fonte:** Imagem cedida por David Nascimento, 2017.

Sobre a composição das pinturas da Via Sacra dentro das capelas dos Passos, as pinturas centrais apresentam as cenas já descritas, no caso das laterais, elas configuram as seguintes cenas: “A passagem pelo meio do mar” (Êx 15-19) (primeira capela); “Pilatos lavando as mãos (Mt 27: 24-26), Flagelação de Cristo e Bom Jesus da Coluna” (segunda capela); “Anjos dos Martírios” (terceira capela); “Cristo da Cana Verde” (quarta capela) e “A crucificação”; cena repetida na quinta capela adicionada à representação do “Santo Sudário”. Algumas das cenas laterais são baseadas na Sagrada Escritura e outras também nas meditações à Paixão de Cristo. A maioria das pinturas centrais foram executadas no fim do século XVIII ou início do século XIX, são óleo sobre tela de algodão, consideradas de fatura mineira de inspiração rococó. Já a pintura central, na capela da Rua da Prata, é do século XX, de origem regional e de cunho popular. As pinturas das cenas laterais foram executadas no século XIX, são à óleo em suportes diversos (IBMI/IPHAN, 1993).

No que tange às procissões com o uso das capelas dos Passos em São João Del Rei, durante o século XVIII e nos tempos atuais, os fiéis peregrinavam até os Passos, onde eram feitas orações específicas com o acompanhamento de orquestras, bandas e sermões. Caminhavam e ainda andam por essas edificações que ficam abertas somente no período Quaresmal e Pascoal. Dentre as procissões realizadas ressalta-se a Via Sacra de rua, na Semana Santa, elaborada pela matriz e, provavelmente, era feita a procissão do Enterro, com os sete Passos da Paixão, ou seja, à maneira da Via Sacra, organizada pela ordem terceira do Carmo. A partir do século XIX, durante a Quaresma, foram sendo realizadas outras procissões vinculadas à Festa dos Passos da Irmandade do Senhor dos Passos que são: o Depósito, a Rasoura do Senhor Bom Jesus dos Passos e a de Nossa Senhora das Dores, o Encontro e a de Nossa Senhora da Soledade.

### Considerações finais

As representações escultóricas e pictóricas dos Passos ou Estações da Via Sacra, ou seja, do “Caminho da Cruz” se referem ao trajeto percorrido por Jesus, carregando sua cruz, no decurso da sua Paixão. Caminhar com a cruz expressa o sacrifício de Cristo para a salvação dos homens e o elo da história humana com a de Jesus. Já a concepção dos Passos, palavra de origem latina, “*passus*”, a qual significa sofrimento, seria sentir a mesma dor de Cristo e seguir seu exemplo (GONZÁLEZ, 1959).

Desse modo, a procissão do Enterro da ordem terceira do Carmo de São João Del Rei era realizada durante o século XVIII com os sete Passos da Via Sacra. Os irmãos retiravam as imagens da Paixão de Cristo de seus retábulos e as levavam em andores ao encontro dos fiéis. Somente os terceiros carmelitas e franciscanos caminhavam junto ao desfile, entretanto, a comunidade religiosa assistia e acompanhava a procissão passar. Esse trajeto pelas ruas públicas mudava o cenário urbano, as casas eram enfeitadas e as pessoas saíam das suas moradias, o que permitia uma maior aproximação não só com o sagrado, mas também, entre os pares.

No caso da irmandade do Senhor dos Passos as procissões que aconteceram no século XVIII eram realizadas provavelmente somente com a imagem de Cristo. Os irmãos retiravam a escultura do seu retábulo na matriz e a levavam em seu andor ao encontro dos fiéis pelas ruas e capelas para divulgação do culto à Paixão. Com o crescimento da devoção mariana, no século XIX, a escultura de Nossa Senhora das Dores foi inserida e entronizada junto ao Senhor dos Passos. A partir disso, surgiram novas procissões ao longo do tempo, evidenciando a necessidade da participação dos irmãos carmelitas e franciscanos, os quais passam a receber tais esculturas processionais dentro dos seus templos.

Por sua vez, para o fiel fazer o itinerário da Via Sacra, quer dentro da igreja quer no exterior pelas ruas, era um exercício piedoso e redentor. Os irmãos terceiros carmelitas que outrora carregavam em procissão as imagens da Paixão de Cristo emocionavam o fiel durante a celebração pelo o realismo das imagens, de tamanho natural, com cabeleiras, vestes em tecido e olhos de vidro. Já as capelas da irmandade dos Passos, as quais apresentam escalas e representações visuais também próximas ao real, configuram no imaginário católico o trajeto das Estações. Além disso, havia a figuração nesse itinerário de personagens bíblicos juntamente com a armação de cenário efêmeros de forma teatral, permitindo um momento de reflexão didático-religioso em seu percurso externo.

Portanto, as manifestações religiosas e públicas, tais como as procissões, faziam parte da pompa barroca organizadas pelas associações religiosas, eram um momento de sociabilidades entre os fiéis e que proporcionava grande destaque entre as irmandades e ordens terceiras durante a Quaresma e a Semana Santa. As representações artísticas oriundas desse acervo, bem ou mal concebidas, na busca da idealização de representação do real, tinham como principal objetivo o decoro com as coisas sagradas e servirem de exemplo didático aos fiéis. Por essa perspectiva, invocando os sentimentos de piedade e penitência tais celebrações, juntamente com esculturas, pinturas e/ou edificações, retratando a Paixão, auxiliavam aos irmãos leigos mineiros no caminho para a salvação das suas almas. Grande parte desse patrimônio ainda se mantém preservado em virtude de seu caráter devocional.

## Referências

ARQUIVO ECLESIAÍSTICO. Arquivo Eclesiástico da Paróquia da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar. Cidade São João Del Rei. Fundo Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Datas 1697-1810. Actas Leis e Estatutos da Venerável Ordem 3ª da Penitência da Sempre Virgem Maria do Monte do Carmo da Cidade do Rio de Janeiro expostos pelo Muito Revdo. Pº N. Fr. Manoel Ferreira da Natividade, Reformador e Visitador Geral de todo Estado do Brasil e com as vozes e poderes do Revdo. Pº Geral de toda Ordem Carmelitana Frey João Peixoto de Villallobos, Anno 1697.

AZEVEDO, C. M. de (Direção). **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Rio de Mouro: Printer Portuguesa, Ind. Gráfica, Lda., 2000 (Tomo IV).

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral-Paulus: São Paulo, 1990.

BOSCHI, C. C. **Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais**. São Paulo: Ática, 1986.

CAMPOS, A. A. Quaresma e Tríduo sacro nas Minas Setecentistas: Cultura Material e Liturgia. **Revista Barroco**. Belo Horizonte, 17, 1993/6.

CAMPOS, A. A. Aspectos as Semana Santa através do Estudo das Irmandades do Santíssimo Sacramento: Cultura Artística e Solenidades (Minas Gerais séculos XVII ao XX). **Revista Barroco**. Belo Horizonte, v. 19, 2005.

CARTAS PASTORAIS. Doc. Pastoral. Visitador Dºs Joze dos santos, conego penitenciário naSê de Marianna. Reitor do Seminário da mesma cidade, Juis das dispenças matrimoniaes examinador Sinodal, e Vizitador Geral deste Bispado por S. Exª Rª. Mariana-em Meza Capitular. Aos 22 de Novº de 1764. Escrivão da Camara Eclesiástica – Comº Antonio Freire daPaz. Transladado Infº 30 de Janº de 1765. Vigário Dº Antonio (...) as Delgº do Carvº (Livro W-41-Prateleira W).

CONSTITUIÇÕES. **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia** Feitas e ordenadas pelo Illustrissimo, e reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, Arcebispo do dito Arcebispado, e do Conselho de sua Magestade, propostas e aceitas em o synodo Diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de junho do anno de 1707. Lisboa, Miguel Rodrigues, MDCCLXV.

GAIO SOBRINHO, A. **Visita à colonial cidade de São João del-Rei**. São João del-Rei: Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei (FUNREI), 2001.

GONZÁLEZ, J. J. M. **Escultura Barroca Castellana**. Madrid: Artes Gráficas Reyes, 1959.

INVENTÁRIO NACIONAL. Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados (IBMI) do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) – São João del Rei: Arquivo Regional do Escritório Técnico do IPHAN, 1993.

Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados (IBMI) do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

- (IPHAN) – Minas Gerais, Igreja de Nossa Senhora do Carmo (1994), Módulo 2 – Região de São João Del Rei, Volume 5.
- LOPES, J. da P. Uma corporação religiosa: vida e obra da Venerável Orem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Vila de São João del-Rei durante o século XVIII e XIX, segundo seu próprio arquivo. **Revista Histórica**, 1973.
- OLIVEIRA, M. A. R. **Barroco e Rococó nas igrejas do Rio de Janeiro**. Brasília: IPHAN/Monumenta, 2008 (Roteiros do Patrimônio; V1 e V2).
- OLIVEIRA, M. R.; SANTOS, O. R. **Barroco e Rococó nas Igrejas de São João Del-Rei e Tiradentes**. Brasília: IPHAN/Monumenta, 2010 (Roteiros do Patrimônio V.1 e V.2).
- PIEDOSAS e solenes tradições de nossa terra. **A Quaresma e a Semana Santa em São João del-Rei-MG**. Juiz de Fora: Esdeva Empresa Gráfica Ltda, 1983.
- REVILLA, F. **Dicionário de iconografia**. Madrid: Catédra, 1990.
- RYAN, V. **Quaresma e Semana Santa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991 (Coleção Espiritualidade litúrgica).
- SCHENONE, H. H. **Iconografia del arte colonial**. Argentina, AR: Fundación Tarea, 1998.
- VIEGAS, A. J. A Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de São João del-Rei e sua Igreja. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João Del Rei**. São João Dell Rei, v. 6, 1988.

**Submetido em:** 26.08.2021

**Aceito em:** 28.10.2021